

PARÓDIA E ANTIFEMINISMO: O OLHAR PATRIARCALISTA DE CARLA CAMURATI EM CARLOTA JOAQUINA

Almir de Campos Bruneti

Carlota Joaquina de Borbón (1775-1830), filha de Carlos IV e Maria Luísa de Parma, reis de Espanha, rainha de Portugal e do Brasil pelo seu casamento com D. João VI, parece ser uma das figuras mais execradas e ridicularizadas da história dos dois países. Compreende-se: desde a sua infância, ela foi sempre a *outra*. Primeiro, porque cresceu em um país que não era o seu e cuja língua não falava e que era ainda mais periférico do que a Espanha; segundo, porque, mulher com ambições de mando, viveu em um universo totalmente controlado por homens cuja aspiração principal era que ela se conformasse com a posição secundária que deveria assumir e os deixasse em paz.

A atitude intransigente que adotou ao insistir que suas prerrogativas fossem respeitadas, aliada a um profundo desprezo pelas convenções de uma corte controlada pelos temores religiosos da sogra mais a inatividade bonacheirona do marido, contribuíram para a demonização da sua personalidade e para transformar a sua figura histórica em fantoche ridículo e histriônico, verdadeiro simulacro de mulher e rainha.

Além disso, como aderente de um partido político (o absolutista) que saiu vencido da guerra civil que colocou no trono português D. Pedro IV e D. Maria II, ela só poderia ter sido retratada pelos vencedores desde a pior perspectiva possível. Cabe lembrar aqui a advertência de Hayden White, em seu ensaio "Interpretation in History", quando observa que qualquer verdade a ser historiada é realmente um discurso que está ao serviço de alguém (1985: 69).

A verdade é que os historiadores não têm sido gentis com Carlota Joaquina. O retrato físico e moral que dela nos têm transmitido é mais ou menos o mesmo em todos quantos dela se têm ocupado, não importando jamais a agenda política e pessoal de quem fala, mesmo quando o autor ou autora em questão é inimigo(a) declarado(a) da rainha, ou a enfoca desde uma posição de condescendência divertida e irônica. Tal é o caso, por exemplo, de Laura Junot, Duquesa de Abrantes, que, tendo sido enviada de Paris para Portugal com o marido, descreve a sua apresentação à nobreza feminina da corte portuguesa no Palácio de Queluz em tons de ópera bufa, revelando, desde logo, os preconceitos

de quem vem do *centro do mundo civilizado* para um país remoto e inculto. Diz ela:

Figurez-vous être devant une femme de quatre pieds dix pouces tout au plus, et encore d'un côté, parce que les deux n'étaient pas égaux. Avec un corps ainsi déjeté, vous pouvez imaginer facilement quel buste, quels bras, quelles jambes et quelle personne enfin c'était qu'une femme ainsi bâtie; encore si la tête avait été regardable; mais, mon Dieu, quelle figue!... quelle épouvantable figure!... Des yeux éraillés et de méchante humeur, n'allant jamais ensemble sans qu'on pût leur reprocher de loucher... Et puis une peau qui n'avait rien d'humain, dans laquelle on pouvait tout voir, une peau végétante... Son nez, je ne me le rappelle plus, si ce n'est pour me le représenter descendant sur des lèvres bleuâtres qui, en s'ouvrant, laissaient voir la plus singulière denture que Dieu ait créée; c'étaient bien des dent [mais]... de gros os qui montaient et descendaient comme le pourrait faire une flûte de Pan; et puis, couronnant tout cela, une sorte de crinière formée avec des cheveux secs, crépus, de ces cheveux qui n'ont pas de couleur... (1835: 15-16)

Tal descrição é ainda mais exagerada em autores de língua portuguesa. Oliveira Martins, autor clássico da história portuguesa, descreve a rainha no seguinte teor:

Carlota Joaquina, megera horrenda e desdentada, creatura devassa e abominavel em cujas veias corria toda a podridão do sangue bourbon, viciado por tres seculos de casamentos contra a natureza, aticava essa chamma [o absolutismo] como a horrida feiticeira, no fundo do seu antro, assopra o lume da sua cosinha diabolica. (1886: 267)

Oliveira Lima, citado na *Grande enciclopédia portuguesa e brasileira*, sentença, ao mesmo tempo em que torna óbvio o seu desconforto com respeito a uma mulher que se recusa a sê-lo:

... um dos maiores, se não o maior estorvo da vida de D. João VI, foi certamente a Rainha, que os interesses dinásticos, então mais identificados com os políticos, lhe tinham dado por esposa, e que não só lhe enodoou o nome, como pela sua irrequieta ambição, aumentou quanto pôde as complicações da monarquia portuguesa, fazendo de tempo a tempo andar numa roda-viva a diplomacia daquela época. A razão está em que D. Carlota Joaquina nunca se resignou a ser aquilo para que nascera – uma princesa consorte. Sentia em si sobeja

virilidade para ser ela o rei... Os traços varonis e grosseiros do seu rosto, o seu género de preocupações, o seu próprio impudor, denotam que em D. Carlota havia apenas de feminino o invólucro... Para que exercesse eficazmente a sua influência doméstica, precisaria ser secundada pela beleza física, que de todo lhe faltava, ou por maneiras brandas e sinceramente carinhosas, que eram avessa ao seu temperamento buliçoso e desbragada educação... Nela não havia meiguices de mulher: apenas acessos de volúpia em que prostituía o tálamo e a coroa... Sua linguagem soía ser mais do que livre: era por vezes obscena, e muitos dos seus actos ressentiam-se de uma extrema vulgaridade. (s.d.: 951)

Em geral, os livros e biografias mais conhecidos¹ repetem mais ou menos os mesmos juízos. Raul Brandão vai mais longe. Para desacreditar ainda mais a rainha, começa pela mãe dela:

... é pior a corte da senhora D. Carlota Joaquina. A mãe foi dessas mulheres que, mesmo envolvidas num trapo, exalam volúpia. Bela não, mas a boca é lascívia, os olhos, que Goya pintou, loucura, os cabelos, violência. A filha saiu feia e devassa – saiu ordinária... O pior é que esta mulher é feia, má, vulgar... Qualquer mulher do povo, por grosseira que seja, exala simpatia. Impregnou-a a desgraça. Ela não. Seus filhos são deste, daquele, da balbúrdia e do acaso. Tem vários amantes, além dum mariola efectivo... (1982: 66-67)

Com uma cobertura de imprensa desse tipo, o resultado não poderia ter sido diferente. Até mesmo autores mais comedidos como Marcus Cheke, cujo livro tem o título sintomático de *Carlota Joaquina (A rainha intrigante)*, comenta a certa altura:

Passava... longas temporadas em sua quinta do Ramalho... que ela comprou em 1794. Diziam as más línguas que os retiros da infanta nessa quinta estavam longe de ser inocentes; que os empregava, para falar sem rodeios, em divertimentos que lembravam Messalina, e que os bosques dos seus parques ocultavam orgias das quais não eram só os membros da nobreza que tinham o privilégio de participar. Muitas

¹ Ver, por exemplo, Assis Cintra, *Os escândalos de Carlota Joaquina*, 1934; Luiz Edmundo, *A corte de D. João no Rio de Janeiro*, 1º vol., 1957, p. 171-196; Manuel Pinheiro Chagas, *História de Portugal popular e ilustrada*, 3. ed., 8º vol., Lisboa, 1903. Um dos mais famosos detratores da rainha foi o seu ex-secretário, o catalão José Presas, que dela pintou um retrato carregado de cores densas em seu livro *Memórias secretas de D. Carlota*, 1830.

dessas asserções foram sem dúvida inventadas posteriormente, oriundas de inimizades políticas. E nem pode um historiador sério consubstanciá-las por meio de provas concretas. Numa tentativa de esboçar o retrato de Dona Carlota Joaquina não pode entretanto deixar de referir-se a elas. (1949: 22)

E é com esse material tendencioso que a atriz e diretora brasileira Carla Camurati, depois de *exaustivas* pesquisas e investigações em livros e documentos da época (ORICCHIO, 1994) constrói um filme que, apesar da sua visão obviamente machista e patriarcalista, foi saudado por Arnaldo Jabor (1995) como demonstração clara de que *as mulheres estão parindo um novo cinema no Brasil*. Até mesmo o jornalista e romancista Antônio Callado (1995), recentemente falecido, em geral bastante moderado nos seus pronunciamentos, entusiasmou-se com *Carlota Joaquina: Princesa do Brasil*, dizendo ser a obra de Carla Camurati *o melhor filme histórico da cinematografia brasileira*.

Entretanto, nem todos os críticos se deixaram convencer pelo estrondoso sucesso de bilheteria. Muitos, como, por exemplo, Marcelo Coelho (1995), notaram o espírito lusófono do filme, dizendo ser ele *farsa vingativa do passado colonial português e do [nosso] estado periférico*. O seu artigo termina com uma pergunta:

Sem ser denúncia séria, nem gozação descompromissada, "Carlota Joaquina" parece ao mesmo tempo curtir nosso estado periférico e, ao contrário de outras comédias, expressar um ódio vingativo pela situação brasileira. Sinal, talvez, de uma ambigüidade na atual conjuntura econômica em que a aceitação das ordens do FMI surge como triunfo nacional. Estamos, afinal, alegres ou raivosos? Só o tempo dirá.

Criticando o tom de *falso deboche* do filme e apontando para a alienação implícita na visão distorcida da diretora, diz José Castello em *O Estado de São Paulo* de 7/3/95:

Carlota Joaquina... tem uma visão simplista da história, transforma o passado em caricatura e confunde a crítica contundente com o deboche estéril. Ainda assim é aplaudido e se torna, para a maioria, uma porta por onde deve passar o futuro cinema brasileiro... A jovem diretora não consegue esconder... sob o deboche e a caricatura, sua visão automática e maniqueísta da história brasileira... Ao desmerecer a história, ao transformá-la em uma sucessão de gagues, ataques de nervos, tara e salgadinhos, Carla Camurati incorpora o

Carlota Joaquina

PRINCESA DO BRASIL

UM FILME DE
Carla Camurati

Marieta Severo

Marcos Nanini

Apresentado: Ludmilla Dayer * Brenti Ilicatti * Maria Ferezzatti * Marcos Palmeira
Eliana Fonseca * Aldo Leite * Bel Kertner * Vera Holtz * Thales Pan Chacon
Argumento: Angus Mitchell * Carla Camurati *** Roteiro: Melanie Dimantas
Carla Camurati ** Fotografia: Breno Silveira *** Cenário e Figurinos: Tadeu Burgos
Emília Dimean *** Montagem: Cezar Migliorin * Martha Luz *** Produção Executiva:
Carla Camurati * Bianca De Felippes *** Direção: Carla Camurati

HOME VIDEO

folclore como verdade. Ela maqueia o folclore com seu falso realismo. Na verdade, apenas o perpetua. Seus personagens não têm ambigüidades, suas razões não têm sutilezas e sua história não tem paradoxos. A verdade é que Carla Camurati não consegue escapar da armadilha que pretende demonstrar.

E, de fato, o filme de Camurati – já que nele a história de Carlota Joaquina é narrada em inglês a uma menina escocesa – parece, através do distanciamento assim logrado, estar se referindo a um país bizarro, ridículo, paródico, carnalizado em que tudo se resolve com gritos e exageros interpretativos. A elogiada atuação de Marieta Severo no papel da protagonista peca, aliás, por exageros expressionistas que reduzem a personagem a pouco mais do que uma caricatura histórica e ninfomaníaca. O mesmo se pode dizer do D. João VI criado por Marcos Nani. Não foi por acaso que vários professores e membros da antiga família imperial brasileira protestaram contra a estreita e desinformada visão histórica da diretora e de seus colaboradores (CÔRTEZ: 1995). Aquela não se deu por achada:

Os fatos a que se refere no filme, segundo Carla, são reais, “baseados no mínimo em duas fontes diferentes. Ninguém daquela época está vivo, e é claro que cada um vai falar do ponto de vista que lhe interessa.” (Ibid.)

Ou ainda:

“Todos os fatos narrados são reais, mas ali está a minha visão da história. Se fosse uma abordagem totalmente realista seria muito mais cruel com os personagens.” (Apud CAVERSAN, 1995)

É claro que cada um tem a sua visão histórica. Não é esse o fato que se quer contestar. A questão que se impõe diz respeito à ideologia implícita em tal visão. E a verdade é que a visão *debochada* de Carla Camurati parece não ter qualquer ideologia a não ser o riso falso, gratuito e destrutivo. Como bem o notou Luiz Carlos Merten (1995):

... a visão é redutora: o escracho, como representação da alma brasileira, tem de explicar tudo. Embora cuidado – na cor, principalmente –, o filme dá a impressão de não ir a lugar algum.

A crítica estrangeira não foi muito tolerante com o filme. Em Portugal, a embaixada brasileira recebeu vários telefonemas irritados de pessoas que ameaçavam apedrejar o seu edifício, caso o filme fosse exibido no país (*O Estado de São Paulo*, 6/6/95, Cad. 2, D-5). Na Inglaterra, a maioria das opiniões

foi negativa. O *Jornal do Brasil* publicou duas notícias a esse respeito (22-11-95, Cad. B, p. 2 e 26/11/95, Cad. B, p. 2), cujos títulos evidenciam claramente o repúdio inglês: “Ingleses criticam ‘Carlota’” e “Crítica inglesa irrita Camurati”.

A verdade é que, como observou Merten na citação acima referida, o filme irrita exatamente por não chegar a lugar algum. A pretensa sátira de um Brasil periférico e errado por repetir Portugal falha porque a diretora, desperdiçando dois talentosos atores, não soube dar orientação histórico-filosófica a seu filme, chegando ao lamentável resultado que se vê nas telas: comédia grosseira de humor peço que não leva a absolutamente nada e eterniza o tique liberal de enxovalhar a figura de Carlota Joaquina. Claro está que a rainha não foi nenhuma santa. Mas que filme magnífico não se poderia fazer sobre a vida de uma mulher que, ainda nos fins do século XVIII e começos do XIX, ousou, em um universo totalmente masculino, tomar para si o poder? Ou ainda, casada por circunstâncias políticas com um marido a quem desprezava, desafiou a moral da época escolhendo livremente os amantes que lhe atraíam a atenção? Sem nos esquecermos que, apesar de ter sido aderente, e muitas vezes, cabeça do partido absolutista vencido, atuou sempre com coerência e tino políticos admiráveis. Disso talvez a sentença justa de João Ameal:

No entanto, Dona Carlota Joaquina é, entre 1821 e 1826, uma das pessoas que melhor incarnam o justo alarme e o vivo protesto da consciência nacional ante as investidas da Revolução. Animam-na uma energia invulgar, uma vontade máscula e decidida, um tenaz apego às doutrina e prerrogativas da autêntica Realeza. Dotou-a a natureza – na frase conhecida de Oliveira Lima – “para ser uma Isabel da Inglaterra ou Catarina da Rússia”. E vê-se condenada pela fraqueza do marido e pelo engenho dos adversários a doloroso ostracismo. Que admira se protesta, se reage, se conspira mesmo? Que admira que nessa hora conspirar se torna um dever – o primeiro dos deveres. (1962: 572)

Essas as razões pelas quais o filme de Carla Camurati irrita em vez de divertir. Vendo Carlota Joaquina desde uma ótica machista e patriarcalista e, sem dúvida, antifeminista, a diretora presta um desserviço à causa da identidade nacional e da tomada de consciência da mulher brasileira. Ninguém lhe nega o direito de realizar os seus filmes da maneira que quiser. Apenas, sendo ela jovem e mulher do final do século XX, esperava-se de seu labor uma outra obra mais consciente dos fatores que influíram na formação da *persona* histórica de Carlota Joaquina que soube, ou pelo menos tentou, afirmar-se como *mulher* em um universo dominado totalmente pelos homens.

Bibliografia

- ABRANTES, Duchesse d'. *Mémoires de Madame la Duchesse d'Abrantes*. Vol. VI. Paris: Librairie D. L. Mame, 1835.
- AMEAL, João. *História de Portugal: das origens até 1940*. 5. ed. Porto: Tavares Martins, 1962.
- BRANDÃO, Raul. *El-Rei Junot*. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1982.
- CALLADO, Antônio. "Carlota" expõe raízes da fracassomania. *Folha de São Paulo*, 18 fev. 1995. Caderno 5, p. 11.
- CASTELLO, José. O falso deboche de "Carlota Joaquina". *O Estado de São Paulo*, 7 mar. 1995. Caderno 2, D-2.
- CAVERSAN, Luiz. Camurati recupera passado sem glamour. *Folha de São Paulo*, 19 jan. 1995. Caderno 5, p. 1.
- CHEKE, Marcus. *Carlota Joaquina (A rainha intrigante)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1949.
- CHAGAS, Manuel Pinheiro. *História de Portugal popular e ilustrada*. 3. ed. 8º vol. Lisboa: Empresa da História de Portugal, 1903.
- CINTRA, Assis. *Os escândalos de Carlota Joaquina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934.
- COELHO, Marcelo. "Carlota Joaquina" debocha da história. *Folha de São Paulo*, 15 fev. 1995. Caderno 5, p. 11.
- CÔRTEZ, Celina. Regente na berlinda. *Jornal do Brasil*, 18 jan. 1995. Caderno B, 1.
- EDMUNDO, Luiz. *A corte de D. João no Rio de Janeiro*. 1º vol. Rio de Janeiro: Conquista, 1957, p. 171-196.
- GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA. Vol. V. Lisboa: s.d.
- JABOR, Arnaldo. Mulheres estão parindo um novo cinema. *Folha de São Paulo*, 24 jan. 1995. Caderno 5, p. 7.
- MARTINS, J. P. Oliveira. *História de Portugal*. Tomo II. Lisboa: Bertrand, 1886.
- MERTEN, Luiz Carlos. "Carlota" revê história com deboche. *O Estado de São Paulo*, 3 fev. 1995. Caderno 2, D-8.
- ORICCHIO, Luiz Zanin. Rainha Carlota revive em peça e filme. *O Estado de São Paulo*, 7 jul. 1994. Caderno 2, p. 1.
- WHITE, Hayden. Interpretation in History. In: *Topics of Discourse: Essays in Cultural Criticism*. Baltimore: John Hopkins University, 1985, p. 51-80.

ALMIR DE CAMPOS BRUNETI é professor da UnB.